



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

SAMUEL BEZERRA FORTES

SOCIEDADE E O ESPORTE

**Ouro Preto – MG
2017.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

SOCIEDADE E O ESPORTE

Samuel Bezerra Fortes

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido a Banca Examinadora do curso de Serviço Social como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Monteiro Mayer

Ouro Preto - MG

2017

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

F738s Fortes, Samuel Bezerra
Sociedade e o Esporte [recurso eletrônico] / Samuel
Bezerra Fortes.-Mariana, MG, 2017.
1 CD-ROM; (4 3/4 pol.)

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo
e Serviço Social, DECSO/ICSA/UFOP

1. Esportes - Aspectos sociológicos - Teses. 2. MEM.
3. Esportes - Teses. 4. Monografia. I.Mayer, André
Luiz Monteiro. II.Universidade Federal de Ouro Preto
- Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento
de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.
III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 796
: 15
: 1417750

"ESPORTE E SOCIEDADE"

SAMUEL BEZERRA FORTES

ORIENTADOR (A): PROF. DR. ANDRÉ MAYER

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Aprovado em: 29 / 03 / 2017



PROFA MS. KATHIÚÇA BERTOLLO



PROF. MS. ADILSON PEREIRA DOS SANTOS



PROF. DR. ANDRÉ MAYER

Comida

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte

A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Pra aliviar a dor

A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte

A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer

A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Pra aliviar a dor

A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade

Diversão e arte
Para qualquer parte
Diversão, balé
Como a vida quer
Desejo, necessidade, vontade
Necessidade, desejo, eh!
Necessidade, vontade, eh!
Necessidade

Titãs

AGRADECIMENTO

Chegar ao final desta etapa, não foi fácil. A superação de obstáculos é extremamente difícil e para conseguir superá-los só foi possível graças ao incentivo e apoio de todas as formas dos meus pais, Márcio e Marlene. Agradeço por todos os esforços. Não podendo esquecer também dos meus parentes que sempre me incentivaram, não citarei um por um por ser uma lista muito grande, graças a Deus.

Aos meus amigos, agradeço de coração todo o apoio e incentivo ao terminar essa etapa. Vocês foram de grande importância para que eu não titubeasse nos momentos mais difíceis.

Agradeço a todos os membros da casa espírita, Caminho Verdade e Luz, a força e o empurrão para iniciar o curso.

Os momentos, os novos amigos e colegas do curso, a todos os professores que passaram todos os conhecimentos necessários para meu crescimento como pessoa e acadêmico, os funcionários da UFOP. Agradeço por fazerem parte desta fase da minha vida.

Aos funcionários da Secretaria de Municipal de Desenvolvimento Social de Ouro Branco, em especial, a todos trabalhadores do Centro de Referência em Assistência Social (CREAS) de Ouro Branco pelo conhecimento profissional adquirido durante o estágio.

Durante minha formação não posso deixar de cita o amadurecimento político que obtive. Para que isso ocorresse só foi possível a todos que fizeram parte da minha vida, porém, agradeço e cito aqui os movimentos sociais e culturais, dos quais conheci ou participei, dentre eles: o movimento estudantil, o Centro Acadêmico de Serviço Social onde participei como um dos integrantes e também do projeto de extensão “Centro de Difusão do Comunismo”, desde sua criação até o seu fechamento arbitrário.

A aproximação com o tema do meu TCC (trabalho de conclusão de curso) ocorreu graças a influência do time “Inconfidentes Rugby”, do qual, participo desde o início da minha formação acadêmica do curso de serviço social.

Ao ingressar no “Inconfidentes Rugby”, adquiri uma família extra, novos amigos e companheiros. Além de renovar os valores: Integridade, Paixão, Solidariedade, Disciplina e Respeito. Dedico este TCC especialmente, ao Inconfidentes Rugby!

Invictus

*Dentro da noite que me rodeia
Negra como um poço de lado a lado
Agradeço quaisquer deuses que possam existir
por minha alma indomável*

*Sob as garras cruéis das circunstâncias
eu não tremo e nem me desespero
Sob os duros golpes do acaso
Minha cabeça sangra, mas continua erguida.*

*Além deste lugar de ira e lágrimas,
Surge ameaçadoramente apenas o horror da sombra,
E ainda a ameaça dos anos,
Me encontra e me encontrará, sem medo.*

*Não importa quão estreito seja o portão,
Como é cobrada a punição do que está escrito,
Eu sou o mestre do meu destino:
Eu sou o capitão de minha alma.*

William E Henley

RESUMO

Este trabalho acadêmico propõe uma reflexão acerca das interconexões entre o esporte e a sociedade. O intuito maior é iniciar a discussão do esporte dentro do curso de Serviço Social. Até o presente momento não houve uma abordagem do tema neste curso. Sendo o primeiro estudo do esporte dentro do curso de Serviço Social. Trata-se de um levantamento bibliográfico que aborda o tema esporte.

Palavras-chave: Esporte e sociedade. Esporte Social. Esporte moderno

ABSTRACT

This academic work proposes a reflection on the interconnections between sport and society. The main purpose is to start the discussion of the sport within the course of Social Work. To date, there has been no approach to the topic in this course. Being the first study of the sport within the course of Social Work. This is a bibliographical survey that approaches the sport theme.

Keywords: Sport and society. Social Sport. Modern sport

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I – DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE CAPITALISTA.....	15
1.1 - Antecedentes históricos e desenvolvimento social.....	15
1.2 - O modo de produção capitalista.....	21
II - A DISCUSSÃO DO ESPORTE.....	25
2.1 – Brohm e a organização capitalista do esporte.....	25
2.2 – Esporte, história e cultura	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Durante minha formação acadêmica no curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto, obtive contato com uma modalidade esportiva, o Rugby¹. Durante este período, o time Inconfidentes Rugby, ao qual participo, tentou formar parcerias, por meio de patrocinadores e na maioria das vezes, foi exigido a elaboração de um projeto, pelo qual era solicitado: demonstrativos de custo; o público alvo; o objetivo, etc... Mediante a solicitação destes, despertou em mim pesquisar algo semelhante a respeito dos projetos de cunho social onde a modalidade Rugby fosse utilizada.

A partir de então, durante um levantamento descobri que havia dois projetos sociais esportivos que utilizava o Rugby, um no Rio de Janeiro e outro em São Paulo. Estes dois projetos foram pensados com o objetivo de levar esta modalidade esportiva para comunidades carentes. Para compreender o que seria um projeto esportivo social com a função de integração social, fui pesquisar o que havia de estudo, pela visão do Serviço Social. Para minha surpresa, não havia estudos sobre o tema esporte, o mais próximo que cheguei a ter contado foi nas discussões dos Mega Eventos.

Por esse motivo resolvi começar a estudar o assunto, porém, buscava relacionar o tema esporte com o serviço social. Levei a questão ao Professor Alexandre Arabia (professor do curso de serviço social da Universidade Federal de Ouro Preto) que também não conseguia visualizar facilmente a possibilidade do Serviço Social abordar o esporte de maneira geral, que apenas alguns temas específicos poderia talvez abordar. A minha inquietação com o tema esporte aumentou após assistir e rever alguns filmes que tinham o esporte como base para o enredo, sendo eles:

- A League of Their Own (Uma equipe muito Especial) - 1992
- Remember the Titans (Duelo de Titãs) - 2000

¹ O rugby é um esporte coletivo de intenso contato físico. É originário da Inglaterra. Por ter sido, inicialmente, concebido como uma variação do futebol, foi chamado anteriormente de "rugby football".

- Invencible (O Invencível) - 2006
- Forever Strong (Para Sempre Vencedor) - 2008
- Invictus - 2009
- The Blind Side (Um Sonho Possível) - 2009
- Moneyball (O Homem que Mudou o Jogo) - 2011
- 42 (42 - A História de uma Lenda) - 2013
- Million Dollar Arm (Arremesso de Ouro) - 2014

Ao ver e rever estes filmes minha curiosidade sobre o tema esporte aumentava cada vez mais e comecei a analisá-los de uma forma mais crítica, ao qual o curso de serviço social me propiciava. Outro fator com relação aos filmes, dos quais me deixou mais curioso sobre o tema esporte; são todos baseados em fatos reais.

Não é de todo equivocada a afirmação de que o esporte é um dos fenômenos mais expressivos da atualidade. Sem dúvida, o esporte faz parte hoje, de uma ou de outra forma, da vida da maioria das pessoas em todo mundo. Tão rápido e tão “ferozmente” quanto o capitalismo o esporte expandiu-se pelo mundo todo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento. Hoje ele é, em praticamente todas as sociedades, uma das práticas sociais que reúne a unanimidade quanto a sua legitimidade social. No entanto, em meio ao “boom” esportivo levantam-se algumas vozes, principalmente no meio acadêmico, que expressam dúvidas quanto aos valores humanos e sociais deste fenômeno (BRACHT, 2005, p. 09).

Essa inquietação com relação ao esporte levou-me pesquisar mais sobre o tema no intuito trazer mais uma área de discussão e possível abrangência para o curso de Serviço Social.

Pesquisando na biblioteca do curso de educação física da Universidade Federal de Ouro Preto e na internet que encontrei acadêmicos que abordavam o tema do esporte na sociedade. Através destas novas pesquisas, perguntas sobre o esporte vinha surgindo e observando que havia pontos de discussão em comum entre o serviço social e o esporte. Porém, enquanto mais me aprofundava, mais perguntas surgiram, como por exemplo; o porquê de não haver estudos do tema esporte em serviço social. Ressaltando a existência de vários projetos sociais que utilizam o esporte como fator de inclusão social. O esporte realmente consegue incluir socialmente o indivíduo? Gênero, mercantilização, mídia, etc, são varias as discussões dentro do esporte que o Serviço Social pode contribuir.

Por esse motivo, resolvi começar a discussão do esporte através do meu Trabalho de Termino de curso. Para conseguir alavancar a discussão sobre o esporte irei apresentar dois autores e suas discursões do esporte na sociedade sendo eles o professor Marcelo Weishaupt Proni do instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas o Professor Valter Bracht do Centro de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo.

Para conseguir aprofundar no debate feito pelos professores citados acima, será necessário, primeiramente abordar a estrutura da sociedade capitalista e para isso será utilizado como parâmetro o livro da biblioteca básica do serviço social, Economia Política: uma introdução critica, dos autores José Paulo Netto e Marcelo Braz e uma leitura do Capital de Karl Marx para o primeiro capítulo.

No segundo capítulo serão apresentados os artigos referente ao esporte e sociedade dos referidos autores: Marcelo Weishaupt Proni (Brohm e a organização capitalista do esporte) e Valter Bracht (Esporte, historia e cultura). Os textos dos autores citados acima se encontram no livro, Esporte Historia e Sociedade, sendo este, uma coletânea de artigos com o tema esporte, organizado por Marcelo Weishaupt Proni e Ricardo de Figueiredo Lucena.

Para as considerações finais serão apresentados as conclusões dos artigos com relação ao esporte na sociedade capitalista e levantamento de questionamentos sobre o tema.

I - DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

“Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.”

MARX

1.1- Antecedentes históricos e desenvolvimento social

A sobrevivência da humanidade ocorreu pela interação com a natureza, no intuito de satisfazer suas necessidades. Para isso o homem caça, cultiva, transforma a natureza garantindo a sua sobrevivência. Essa ação é o trabalho, o que é fundamental para a sobrevivência e o funcionamento da sociedade humana.

Diferente de outras espécies da natureza, o homem é o único que trabalha. As ações de outras espécies são realizadas por instinto, nascem prontas para realizar determinadas tarefas, como podemos citar as abelhas, o João de barro, suprem suas necessidades biológicas enquanto o homem trabalha para suprir suas necessidades materiais e espirituais.

É por essa ação, o trabalho, que os homens se diferem de outras espécies, Marx aborda muito bem sobre essa diferença.

Pressupomos o trabalho numa forma que permanece exclusiva ao home. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu a favo em sua cabeça,

antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho, obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural, o seu objetivo (Marx, 1983: p.149-150,153), NETTO, 2010, p.31/32.

No intuito de realizar o trabalho, o homem busca meios novos que propiciarão uma melhor execução da sua tarefa, reconfigurando a forma como é realizado o trabalho. Por tanto o trabalho é o ponto que difere o homem das outras espécies e é também pelo trabalho que a sociedade humana se desenvolve e com isso surge o ser social.

Esta mudança é inédita na natureza. Uma mudança que não foi uma evolução biológica trata-se de um esforço capaz de utilizar a natureza para garantir os meios de reproduzir sua vida. O impacto transformou por completo a relação do homem como o homem e o homem com a natureza.

A espécie humana desenvolveu-se como um outro novo tipo de ser, até então inexistente, e cujas peculiaridades não de deve a herança biológica nem a condições geneticamente predeterminas: um modo de ser radicalmente inédito, o ser social, dotado de uma complexidade de novo tipo e exponencialmente maior que a verificável na natureza. (NETTO;BRAZ, 2010, p.36)

Diversos grupos humanos surgiram e cada um obteve um desenvolvimento social diferente. Esses agrupamentos são o que podemos chamar de comunidades primitivas.

Nestas comunidades primitivas o homem começa, principalmente, a domesticar os animais e o desenvolvimento da agricultura. Estas ações na natureza forneceram a estas comunidades melhores condições de prover sua sobrevivência. O domínio melhor da natureza propiciou com que a riqueza social produzida aumentasse para além do necessário imediato para a sobrevivência. Este excedente

que é fruto do trabalho começa a ser estocado e, posteriormente a ser trocado com outras comunidades. Desta maneira a produção social destes excedentes vira mercadoria que será trocada, surgindo o comércio.

A possibilidade de acumular excedentes, fruto do trabalho, resultou em uma maior divisão do trabalho na apropriação e exploração do fruto do trabalho humano. Com este desenvolvimento na sociedade surgiu a divisão entre os produtores de riqueza social e dos que apropriam dos excedentes gerados pelos produtores desta riqueza. De maneira tal, que a sociedade primitiva se dissolve com o surgimento de novas formas de apropriação do trabalho alheio como escravismo e feudalismo.

Mediante a apropriação do excedente veio o controle econômico da sociedade, com isso a disputa pelo controle e os meios que garantiriam esse excedente.

Guerras entre comunidades eram travadas e aqueles que conseguisse dominar outra comunidade através da força conseguiria meios de aumentar o excedente. O sistema escravista foi implementado e através dele o resultado do trabalho era totalmente apropriado. Neste formato de sociedade havia outros tipos de trabalhadores, os livres como os artesões, porém, a maior diferença foi entre o antagonismo dos escravos e dos proprietários.

O escravismo, com todos os seus horrores, significou, em relação à comunidade primitiva, um passo adiante na história da humanidade introduzindo a propriedade privada dos meios fundamentais de produção e a exploração do homem pelo homem, diversificou a produção de bens e, com o incremento da produção de mercadorias (produção mercantil), estimulou o comércio entre distintas sociedades. Nesse modo de produção, o trabalho era realizado sob coerção aberta e o excedente produzido pelo produtor direto (o escravo) lhe era subtraído mediante a violência, real e potencial. Compreende-se, pois, que no escravismo, dividia a sociedade em duas classes sociais fundamentais e diferenciados os demais grupos sociais, tenham surgido às primeiras formas de poder político condensadas no que se denominará Estado. (NETTO; BRAZ, 2010, p.66)

O Império Romano expandiu em proporções resultando no colapso do sistema escravista, pois, mesmo gerando grandes quantidades de excedentes ficou impossível administrar este vasto império. Vários conflitos intensificaram como a rebelião dos escravos. Outro fator que resultou no fim do Império Romano foi às invasões bárbaras levando ao início de uma nova forma de produção que veio a ser denominado feudalismo.

O feudalismo foi um modo de produção fundado no trato da terra. A propriedade territorial pertencente ao nobre, senhor feudal, que permitia aos produtores, servos, arar a terra, sendo dividida a terra entre a parte do senhor e a que o servo poderia utilizar em troca de tributos e serviços.

A condição servil dos camponeses era muito distinta da condição dos escravos – embora duramente explorados (não só pelo dever do trabalho nas terras do senhor, mas ainda por inúmeros tributos, inclusive o dizimo recolhido pela Igreja), dispunham nas glebas e nas terras comunais. A economia do feudalismo era essencialmente rural e autárquica: cada feudo compunha-se de uma área de terra de extensão variável, envolvendo uma ou mais aldeias, e sua produção era destinada especialmente ao autoconsumo. À diferença da relação que o escravo mantinha com o seu proprietário, a relação entre o servo e o senhor feudal implicava formalmente uma série de compromissos mútuos – a prestação de serviços pelos servos, proteção da vida do servo pelo senhor. (NETTO;BRAZ, 2010, p.69)

Neste modelo econômico de feudalismo também havia um excedente produzido pelos servos que era apropriado pelo senhor feudal, muitas ou na maioria das vezes pela violência. No feudo havia também, o trabalho artesanal que era mais voltado para troca. Durante as Cruzadas, o sistema feudal começa a sofrer mudanças, o comércio se intensifica principalmente com as rotas comerciais para o Oriente, aos poucos a base do sistema feudal começa a entrar em crise.

O comércio propiciou o surgimento de grandes centros comerciais que mais tarde viriam a tornarem-se cidades. Nestes pontos começa a surgir uma nova

classe social, diferente das existentes no sistema feudal, são os comerciantes. Desenvolvendo uma nova forma de obtenção de riqueza, começam a acumular dinheiro através do comércio, uma economia de capital mercantil.

[...] os servos pela força, a sua luta conduziu a importantes alterações no regime feudal, alterações que o desenvolvimento do comércio já preparava. Do ponto de vista econômico, mediações de natureza mercantil penetraram as relações básicas da economia feudal entre os próprios senhores (a terra começou a ser objeto de transação mercantil) e entre senhores e servos (as prestações em trabalho e espécie começaram a ser substituídas por pagamentos em dinheiro). Aquilo que era próprio de um segmento da ordem feudal, a economia mercantil urbana, cada vez mais consolidada e ampliada, a pouco e pouco iniciou uma irreversível expansão. Do ponto de vista político, ocorre uma centralização do poder, que vai encontrar a sua expressão maior na formação do Estado nacional moderno, através do surgimento do Estado absolutista. (NETTO; BRAZ, 2010, p.71)

A partir deste ponto o sistema feudal passa por transformações drásticas, com o poder sendo centralizado na figura do Rei e os senhores feudais passam a ter menos poder. Nesta estrutura começa a formação de nações, para o seu desenvolvimento é financiado por grupos de mercadores que passam a obter uma maior influência no Estado absolutista que se desenvolvia.

Com a criação do Estado absolutista foi implementado a centralização do poder, uma burocracia, um sistema fiscal e uma força armada organizada, diferenciando cada vez mais do feudalismo, acabando com a autonomia governamental do senhor feudal.

O Estado absolutista gerava um alto custo, onde os nobres e nem os camponeses poderiam arcar. Para isso foi repassado o custo para os grandes grupos mercantis, que arcaram com este gasto, desde que seus interesses fossem atendidos.

Os interesses dos grupos comerciais sendo atendidos resultaram na expansão da área de atuação destes grupos fazendo que se enriquecessem cada vez mais. Tal fato, fez com que a economia era centralizada cada vez mais nas mãos dos grupos comerciais emergindo uma nova classe, os burgueses.

A importância econômica dos burgueses gerou conflitos com os interesses dos nobres e do Estado absolutista, sendo que, estes ainda não haviam se desvinculado da base do sistema feudal. Motivo pelo qual, acentuavam-se cada vez mais os conflitos, resultando-se na revolta dos burgueses e logo após tratou de eliminar esse impasse com o início da Revolução Burguesa.

A resultante desta revolução foi em uma mudança política do Estado, rompendo de vez com o sistema feudal, surgindo assim, o Estado Burguês que passou a controlar o exército, a polícia e a burocracia. Com o controle do Estado pode-se fomentar o modo de produção capitalista colocando cada vez mais a mercadoria com ponto central da economia da sociedade.

Enterrando o Antigo Regime, abre-se o século XIX com o Estado criado pela burguesia triunfante, o Estado Burguês. Colocando a seu serviço aqueles “órgãos onipotentes” de que falava Marx (o exército, o polícia, a burocracia), a nova classe dominante articulou a superestrutura necessária para o desenvolvimento das novas forças produtivas de que o seu ascenso era o inequívoco indicador: criam-se as melhores condições para a concretização histórica do modo de produção que tem como uma de suas classes fundamentais a burguesia – trata-se do modo de produção capitalista, gestado no ventre do feudalismo e no interior do qual a produção generalizada de mercadorias ocupa o centro da vida econômica. É hora, portanto, de cuidarmos da mercadoria e do modo de produção em que ela, nas palavras de Marx, constitui a “forma celular da economia”. (NETTO; BRAZ, 2010, p.75)

1.2 - O modo de produção capitalista

A mercadoria passa a ser o centro da economia da sociedade burguesa, porém, o processo foi longo começando pela produção mercantil simples que baseava na aquisição de mercadorias (M) por outras mercadorias, tendo o dinheiro (D) como mera relação de facilitador de troca entre mercadorias, podendo assim, ser representado da seguinte fórmula:

$$M \rightarrow D \rightarrow M$$

As mudanças ocorridas posteriormente neste formato foram com o intuito de adquirir mercadorias mais baratas e vendê-las por um valor maior, gerando lucro (D+). Posteriormente, inicia o processo de acumulação. E o dinheiro (D) passa a ser o objetivo da acumulação alterando o modo de produção mercantilista simples para o modo de produção mercantilista capitalista:

$$D \rightarrow M \rightarrow D+$$

A partir deste ponto o comerciante e o capitalista passam a buscar o lucro em suas transações, porém, o capitalista passa investir no processo de produção da mercadoria, resultando em outra forma de obtenção de lucro (D'):

$$D \rightarrow M \rightarrow D'$$

A diferença se dá pelo fato do comerciante buscar o lucro pelo diferencial de valor entre a compra e venda da mercadoria. Mas o capitalista adquire o lucro na produção por conta do acréscimo de valor passado pela força de trabalho para a mercadoria produzida no final do processo de produção. Este processo resulta em um lucro maior que a realizada pelo comerciante.

A acumulação de riqueza se dá pelo dinheiro, porém, esse processo irá se ampliar somente se o capitalista puder comprar a força de trabalho como uma mercadoria e o homem sendo capaz de vender a única coisa que possui, justamente a sua força de trabalho. Ter duas classes significa: uma que pode comprar a força de trabalho, o capitalista, e a outra em vender a força de trabalho, o proletariado.

De forma tal, o processo de obtenção de lucro seria ampliado gerando conflitos com o Estado Absolutista e os Senhores Feudais, os quais não tinham interesse na ampliação deste processo de produção, o que resultou na revolução burguesa. O sistema político econômico precisava alterar para que fosse possível a ampliação do processo de produção capitalista. Esta ampliação resultou em um processo mais complicado que o anterior.

A obtenção do lucro do capitalista ocorre dentro do modo de produção da mercadoria, esse processo tornou-se mais elaborado com os avanços tecnológicos para a produção de mercadorias. Devido à incorporação de novas tecnologias no processo de produção, resultou no aumento e velocidade com que a mercadoria fosse produzida.

O capitalista investe comprando mercadorias, que compreende em máquinas, matérias primas, meios de produção e a força de trabalho. Através deste processo obtém-se uma mercadoria acrescida de valor:

$$D \rightarrow M \rightarrow P \rightarrow M' \rightarrow D'$$

$$(M = M_p + F)$$

De acordo com fórmula acima, temos: Capital em forma de dinheiro (D) que é investido em Mercadorias (M) que incluem máquinas, matérias primas, espaços físicos (M_p) e a força de trabalho (F). Em seguida ocorre a produção (P) que irá resultar em outra mercadoria acrescida de valor (M') e, ao final será trocado por dinheiro, um montante maior, do qual foi investido inicialmente (D').

Esse acréscimo de valor ocorre por causa da força de trabalho, todo valor investido na produção é passado para a(s) mercadoria(s) ao término deste processo de produção, com a exceção da força de trabalho que passa um valor extra para a(s) mercadoria(s). Através deste, o capitalista obtém seu lucro. Enquanto maior a absorção de mais valia a mercadoria tiver, maior será a obtenção de lucro para o capitalista.

Mediante, a resultante deste processo, o capitalista reinicia toda sua produção em constantes ciclos. Buscando ampliar e agilizar a produção de mais mercadorias em menor tempo possível.

[...] a apropriação da mais-valia só se efetiva quando a nova mercadoria de que o capitalista é possuidor se realiza, isto é, quando ela é vendida. O capitalista só embolsará a totalidade da mais-valia se ele for, da produção à venda da mercadoria, deixada de lado a força de trabalho (os produtores diretos), é comum que o capitalista tenha necessidade de tomar dinheiro emprestado em bancos para fazer investimentos em máquinas e instalações; igualmente, para a realização da mercadoria (ou sejam a venda), o mais frequente é que ele dependa de distribuidores que a comercializem operam, como o capitalista industrial, visando lucros. (NETTO; BRAZ, 2010, p.119)

Para obter meios que possam agilizar melhor a produção é necessário: pesquisas, produzir ferramentas e maquinários, porém, são extremamente caros. Para adquirir estas inovações o capitalista busca meios que possa custear este investimento através de financiamento bancário ou pelo mercado financeiro.

É neste mercado onde os investidores compram ações de uma determinada empresa que lhes permite ter direito a parcelas dos lucros correspondentes ao valor percentual da ação adquirida. Em contra partida o capitalista dono da empresa consegue obter capital para que possa, como por exemplo, investir em melhorias no processo de produção.

De maneira tal, o capital passou gerar um capital fictício, resultando na especulação do valor destas ações. O que levou investidores a comprar títulos por um preço e tentar vendê-lo por um valor superior da possível valorização da Ação.

A financeirização do capitalismo contemporâneo deve-se a que as transações financeiras (isto é: as operações situadas na esfera da circulação) tornaram-se sob todos os sentidos hipertrofiadas e desproporcionais em relação à produção real de valores – tornaram-se dominante especulativas. Os rentistas e os possuidores de capital fictício (ações, cotas de fundos de investimentos, títulos de dívidas públicas) extraem ganhos sobre valores frequentemente imaginários – e só descobrem isso quando, nas crises do “mercado financeiro”, papeis que, à noite, “valiam” X, na bela manhã seguinte passam a “valer” -X ou, literalmente, a não “valer” nada, como foi o caso dos

compradores de títulos da norte-americana Enron, num escândalo que explodiu em 2001 e que não foi o único, mas se inscreveu no quadro da abertura deste século nos Estados Unidos... (NETTO; BRAZ, 2010, p.232)

Mediante fato, passou a impressão de que dinheiro estava gerando dinheiro sem a necessidade de passar pelo processo de produção. Quando não ocorria a valorização das Ações resultava em grandes perdas de capital do não retorno do investimento.

II - A discussão do Esporte

Neste segundo capítulo abordaremos o tema esporte, tendo como foco os artigos: “Brohm e a organização capitalista do esporte” e, “Esporte, história e cultura”. Antes de dar início a discussão farei uma breve introdução biográfica dos autores, os quais, não são frequentes ou inexistentes na maioria das citações das referências bibliográficas do Serviço Social.

Marcelo Weishaupt Proni é economista e tem mestrado em ciências econômicas pela UNICAMP. Fez o doutorado em educação física na UNICAMP. É autor do livro *A metamorfose do futebol* (IE/ UNICAMP, 2000). Atualmente, é professor do Instituto de Economia da UNICAMP.

Valter Brachat graduou-se em educação física na Universidade Federal do Paraná, onde fez também o curso de especialização em treinamento desportivo. Obteve grau de mestre em educação física pela Universidade Federal de Santa Maria e de doutor pela Universidade de Oldenburg/Alemanha. Atualmente, é professor da Universidade Federal do Espírito Santo e membro do Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF). É autor do livro *Educação física e aprendizagem social* (Magister, 1992) e coautor de *Metodologia do ensino da educação física* (Cortez, 1992).

2.1 - Brohm² e a organização capitalista do esporte

A sociedade burguesa atingiu dimensões globais, sua expansão foi um sucesso. Mas, para que a ideologia burguesa chegasse ao patamar que está hoje, foi graças aos aparelhos privados de hegemonia que auxiliaram na propagação de sua ideologia.

² Jean-Marie Brohm é um francês sociólogo, antropólogo e filósofo. Professor de sociologia na Universidade de Montpellier III, ele foi também o fundador da revista *Quel Corps*, membro da equipe de editoriais da revista mensal “Repertório” é atualmente diretor do jornal *Présentaine*. Brohm tem escrito muitos livros e é o principal defensor da crítica radical do esporte na França

Os valores e os princípios da sociedade capitalista foram difundidos, por todo o globo, através destes aparelhos e garantido pelo Estado Burguês. Um destes aparelhos privados de hegemonia foi o esporte. A sociedade humana torna-se cada vez mais complexa, o esporte segue o mesmo molde e se complexifica.

O esporte passa a assumir características da recente sociedade industrializada.

Debatia-se a instauração de uma crise dos valores esportivos, a qual estaria associada a uma série de desvios ideológicos: a escravidão do atleta, a obsessão pela vitória a qualquer preço, a utilização política dos eventos, a prioridade para a formação de campeões, a comercialização predatória, da influencia crescente da publicidade (Proni, 2002, p. 31).

A sociedade capitalista busca uma maior eficiência na produção que resultou na busca de um rendimento máximo, na especialização do trabalho e robotização do movimento. Estes elementos começam a fazer parte do esporte e utilizá-lo como um dos aparelhos ideológicos do Estado observando o crescimento do espetáculo esportivo fazendo deste uma excelente forma de entretenimento.

Muitos autores começaram a criticar a postura e o papel social do esporte de alto rendimento, para poder discutir de uma forma mais articulada, Proni optou em escolher a abordagem de Brohm que possui inclusive referências de vários autores como Rigauer, Vinnai e Lenk.

Para apresentar os fundamentos da sociologia política do esporte, Proni trás uma análise que Brohm faz ao utilizar diferentes contribuições teóricas para a compreensão de esporte. Dentre elas temos a fundamentação teórica de Marx para analisar o esporte como uma totalidade e assim possibilitar desvelar as contradições presentes. Além de Marx, usará como inspiração o modelo estruturalista de Lévy-Strauss, para poder analisar o sistema esportivo. Weber analisa este sistema como uma construção teórica de “tipos ideais” e, para examinar o esporte como aparelho ideológico do Estado utilizará a definição ideológica de Althusse e escritos filosóficos de Freud ao verificar o esporte pelas funções psicossociais.

O ponto de partida de Brohm é semelhante ao escolhido por Marx em O Capital, no qual a constituição do sistema capitalista é explicada

partindo de sua categoria mais elementar: a mercadoria. No caso, é o processo histórico que, ao desenvolver novas e complexas formas esportivas, produz a categoria mais simples – o esporte moderno – como expressão abstrata, pura e simples da prática esportiva diversificada. O esporte antigo não pode ser compreendido em sua forma elemental, embrionária, sem que haja a comparação com as formas evoluídas e modernas do esporte industrial capitalista e pós-capitalista. Somente como a forma histórica mais desenvolvida se converte o esporte em categoria abstrata e simples. O esporte assim, como “continuidade histórica e descontinuidade capitalista industrial” (Próni, 2002, p.34).

Próni mostra uma comparação do sistema esportivo e o capitalista apresentado por Brohm, onde no sistema esportivo a produção de mercadoria são os campeões, espetáculos, recordes, competições... Paralelamente o esporte é visto e estudado como uma instituição social original, ou como Brohm veio a citar: “instituição da competição física que reflete estritamente a concorrência econômica e industrial”.

Este conceito do esporte possibilita analisá-lo como um processo similar ao processo de produção capitalista, com leves diferenças que pode ocorrer por conta do modelo estrutural por não corresponder à realidade como se manifesta.

A noção de produção esportiva justifica-se na medida em que o esporte, como forma abstrata da tecnologia corporal baseada no rendimento, inseriu-se organicamente nas formas lúdicas de exercícios competitivos, convertendo-as em técnicas altamente racionalizadas e eficazes. O princípio de rendimento surge então como o “motor do sistema esportivo”, uma espécie de centro de gravidade em torno do qual se situam os demais elementos, um princípio pelo qual se guiam as mudanças estruturais (Próni, 2002, p.35).

Produzir campeões em quantidade e qualidade para o mercado é específico do sistema de produção esportivo. Desta maneira os clubes esportivos são as unidades básicas e centrais deste sistema com suas próprias leis particulares buscando uma produtividade específica. O que podemos constatar que não é essencial a reprodução social. Segundo Próni, Brohm qualifica o sistema esportivo

como não produtivo, não tendo crises e sua produtividade é crescente e faz parte do lazer das pessoas.

Essa produção de campeões e a busca de um alto rendimento do sistema esportivo foram absorvidas em todas as formas sociais avançadas. Resultando na expansão mundial e facilitando a globalização do sistema capitalista.

Portanto, no entendimento do autor, as formações sociais do planeta tendem para o mesmo tipo de sistema esportivo porque, apesar dos diferentes regimes políticos, têm as mesmas relações de produção – conclusão bastante questionável, mesmo no plano de análise em que ele desenvolve sua argumentação. (Proni, 2002, p.36)

Proni, ainda destaca uma série de contradições relacionadas a heterogenia do sistema esportivo que deve ser examinada, já que temos a desconfiguração da ética esportiva e o viés do caráter político das instituições.

De acordo com Proni, Brohm afirma haver uma ruptura histórica do surgimento do esporte moderno ao invés do senso comum do esporte ser um produto transitório. O esporte ao qual conhecemos surgiu com o desenvolvimento da sociedade industrial que difere do antigo pelas características inexistentes, além de se organizar, adequar e estruturar de acordo com a evolução do capitalismo difundindo a ideologia burguesa.

A análise de Proni segundo Brohm indica que meados do século XVIII, aparecem um interesse crescente pela velocidade o que resultou no advento do esporte moderno.

“O nascimento do moderno esporte de competição está relacionado com a introdução da medição, em especial a cronometragem. Note-se que a mensuração exata dos resultados e a comparação da performance dos atletas em diferentes ocasiões não faziam parte das competições atléticas antigas. O mesmo sucede com o treinamento, que se converteu num sistema científico de melhorar o desempenho do organismo. Por isso, na era industrial, o esporte transformou-se na “materialização abstrata do rendimento corporal” (Proni, 2002, p.37).

Por volta de 1750 essas características descritas foram sendo implementadas em várias competições físicas e o surgimento do esporte patrocinado, mas foi por volta de 1860 e 1900 que ocorreria na Inglaterra o surgimento das Organizações institucionais das principais modalidades praticadas naquele período como, por exemplo, o Football Association em 1863.

Estes modelos foram amplamente difundidos, por vários países onde a sociedade indústria estava aflorando sendo primeiramente na Europa e logo após na América do Norte. O período imperialista com a Inglaterra foi um dos maiores responsável pela difusão de ideias e dentre elas estava o esporte moderno. Esporte este competitivo, difusores da estrutura e ideais da sociedade capitalista tornando o esporte parte integrante e uma mercadoria.

Brohm identifica quatro fatores responsáveis pelo desenvolvimento do esporte moderno: A – o aumento do tempo livre e o desenvolvimento do ócio (que ocupa um lugar de destaque na civilização do lazer); B – a universalização dos intercâmbios mediante os transportes e os meios de comunicação de massa (o esporte converte-se em “mercadoria cultural” graças à sua natureza cosmopolita); C – a revolução técnico-científica (que reflete-se na busca da eficiência corporal, nos novos materiais e equipamentos, inclusive no surgimento de novas modalidades esportivas); D – e a revolução democrático-burguesa e o enfrentamento das nações do plano internacional (isto é, a dinâmica político-ideológica). (Proni, 2002, p.39)

Essa mentalidade do Esporte moderno se concretiza junto com o Estado Nacional democrático, ou seja, o Estado burguês. Na Inglaterra e nos EUA o esporte moderno foi implementado aproveitando a dinâmica do estado Burguês, o que possibilitou ao esporte, segundo Proni, uma redução de distancia entre classes, multiplicação de contatos, promessas de mobilidade social e abolição progressiva das discriminações sociais.

“Chegamos, assim, ao que Brohm acredita ser a essência do esporte moderno: é a ideologia democrática típica de um sociedade que

precisa cultivar um ideal humanitário (liberdade, igualdade, fraternidade) e, ao mesmo tempo, velar suas estruturas de classe e seus mecanismos de dominação. Por isso, o autor enfatiza o papel da instituição esportiva como estrutura simbólica e aparato ideológico do Estado.” (Próni, 2002, p.39)

Analisar a complexidade do fenômeno esportivo é necessário compreender sua totalidade, algo que para o autor não é fácil, dado a necessidade de superar a polissemia do termo “esporte”. Para ele ainda é preciso separar, como exemplo os jogos infantis e a ginástica, já que o esporte é algo preciso. Próni apresenta outra dificuldade que Brohm traz com relação ao fenômeno esportivo são as concepções que restringem ou deturpa a compreensão dinamismo e das especificidades do desenvolvimento da instituição esportiva e níveis de competição e em particular temos a transformação do esporte em parte intuitiva do ser humano; relação de como vemos o corpo e o esporte fazendo um link do homem com o corpo ou mundo a sua volta; a visão de apropriação da burguesia do esporte, mas que pode ser salvo do capitalismo.

Em acordo com essa concepção sistêmica emergem as principais características do esporte moderno, isto é, seus elementos estruturantes: a) princípio do rendimento, b) sistema de hierarquização, c) princípio de organização burocrática, e d) princípio de publicidade e transparência. Tais características tornam o esporte o modelo ideal, típico, da sociedade industrial (cujo eixo é o princípio do rendimento produtivo e competitivo; explicam por que o esporte reproduz, do ponto de vista da organização e da superestrutura ideológica, o modelo burocrático de sociedade capitalista de /estado (legitimando a reprodução de hierarquias sociais); e indicam que, por exigir uma massa de espectadores, um público, sua função pedagógica acaba sendo direcionada para reafirmar a existência da “sociedade do espetáculo”. (Próni, 2002, p.39)

Temos dois tipos de esporte, o lúdico e o competitivo. O segundo traz consigo toda a característica da sociedade burguesa, como a alta competição por exemplo. Desta maneira o esporte segue o modelo democrático de sociedade

capitalista de Estado, o que reafirma o esporte competitivo como um aparelho hegemônico do estado, através do “esporte espetáculo” este sendo predominante o que o torna modelo para toda a pratica esportiva e o a pratica do esporte lúdica vem se espelhando cada vez mais no modelo competitivo.

Proni em seu artigo traz ainda as vertentes do esporte que são: o esporte profissional que tem do uma estrutura econômica, o esporte militar com politica, os jogos olímpicos com a ideologia e o esporte escolar e universitário com a pedagogia. Essa divisão mostra como o esporte moderno está hierarquizado e mercantilizado, extremamente adequado ao modelo de sociedade burguês e com sigo as características desta sociedade como a divisão social do trabalho (técnica do corpo); a busca do máximo rendimento igual a meta de rendimento de produção; a mercantilização através de atletas e eventos esportivos... O esporte moderno é uma representação da estrutura da sociedade capitalista. No esporte temos a estrutura ideológica da sociedade burguesa. Segundo Proni, a analogia não é perfeita, pois existe uma desigualdade referente o valor atribuído aos atletas e desempenho diferenciado com relação aos outros competidores.

Temos que ressaltar que os fundamentos da democracia e o associativismo burguês também fazem parte da organização do esporte.

Para que a esfera esportiva seja democrática, é preciso que a hierarquia de poder seja aceita livremente e que haja a possibilidade de mobilidade para todos, pelo menos em tese. O esporte torna-se, assim, a projeção imaginaria da “democracia burguesa formal”, assentada na desigualdade e na hierarquização sociais, na possibilidade de promoção e no mérito individual como definidor do estatuto social. (Proni, 2002, p.44)

O esporte moderno traz consigo os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade, porem ao levarmos em consideração a meta de superação de recordes, gera uma contradição entre a finalidade e seu funcionamento. No intuito de atingir a meta de superação, gera uma hierarquização no esporte onde o espaço seja desigual, principalmente entre o profissional e o amador tornando cada vez os espaços segregacionistas, seletivos e elitistas. Este modelo, o esporte moderno, tem

como o principal o lucro, onde é obtido através dos espetáculos esportivos, o faz do esporte um simples anexo funciona do sistema, como apresenta a leitura de Proni de Brohm.

Proni traz ainda uma analogia do esporte com sistema capitalista, onde temos exemplo do esportista como trabalhador com a venda de sua força de trabalho que é definida numa “bolsa de valores esportivos”. Outro apontamento é na formação de cartel dos esportes profissionais obtendo inclusive o monopólio em muitos casos. O esporte amador que por sua vez poderia se encaixar com lúdico acaba seguindo o mesmo molde do esporte profissional, tendo aproximação de vario grupos comerciais.

O rendimento opera como mecanismo de hierarquização, que se sobrepõe á divisão entre amadores e profissionais, reforçando uma escala de valores derivada do nível de excelência dos competidores. E, embora a ideologia olímpica pregue a igualdade e a fraternidade, assim como a autonomia, não são esses princípios que predominam. Para Brohm, a participação (ou representação) de diferentes raças, etnias e nações não têm sido democráticas nos Jogos Olímpicos modernos. Ou seja, a logica de organização esportiva traz embutida a contradição entre o discurso e a pratica (Proni, 2002, p.44)

Ao olharmos para o esporte como uma instituição, sendo isso do ponto de vista sociológico, temos sua função de satisfação de desejos ou de necessidade socialmente partilhados, que são: as funções manifestas do esporte que vem a ser a de suprir a necessidade de exercícios, difundir a moral e o nacionalismo, etc; as funções latentes que compreende em aliviar os estresses, veicular propaganda e mensagens e mais; funções antagonistas do esporte ao qual disciplina, controle do instinto combativo e até mesmo sexual. Segundo Proni, a análise feita por Brohm do esporte busca compreender como é funcional para a reprodução do sistema social.

Ao observar o esporte, compreendeu que suas funções são múltiplas, contraditórias, complexas e evolutivas, além de não ter as mesmas funções que possuía no sua inicio. Com isso para poder estudar estas funções o método utilizado por Brohm foi classificá-las de acordo com as relações sociais, ou seja, pela

economia, sociopolíticas e psicossociais, isto inicialmente, posterior irá analisar também as funções mitológicas e a de cultura de massa do esporte.

Analisando pela economia, o esporte moderno surge durante o desenvolvimento capitalismo industrial e assim influenciado, passa a obedecer as regras, leis do sistema capitalista, já que o esporte através do espetáculo consegue gerar lucros.

No entendimento do autor, uma entidade esportiva é como uma entidade comercial: deve obedecer às regras do comércio e da concorrência – o que, sabemos, implica perseguir resultados e adotar uma estratégia permanente de auto-superação, sob pena de perder a disputa. A busca de “competitividade” da empresa esportiva é, sobretudo, a busca de competitividade num mercado. É no mercado que se estabelece uma hierarquia entre os competidores, a qual está associada ao potencial de faturamento e à taxa de rentabilidade de cada empresa. E a analogia completa-se com a produção dos “rendimentos”, porque a rentabilidade de uma empresa esportiva depende de um conjunto bastante objetivo de requisitos: existência de aparato material (capital fixo); possibilidade de aquisição de força de trabalho (capital humano); e capacidade de gerar valor (produzir mercadorias a serem consumidas). (Próni, 2002, p.46)

O esporte tornou-se excelente espaço para a propagação ideológica do sistema capitalista e sua manutenção, além de ser um espaço para a acumulação capitalista, tudo isso através dos espetáculos que são um atrativo para a publicidade e espalhou pelo mundo oferecendo também mercadorias exclusivas para espectador e praticante destes esportes. Até mesmo o esporte amador foi influenciado por este modelo.

Olhado o esporte pela sociopolítica, por mais que o movimento olímpico afirme que é neutro, temos o esporte com papel diplomático de coexistência de nações e afirmação da presença de uma nação no cenário mundial. Isto faz com que o “nacionalismo exacerba-se”, reforçando a identidade nacional independentemente das classes sociais.

Através do esporte o sistema consegue “mascarar” as questões sociais, como um modelo a ser seguido, obedecendo a ordem e garantindo a hegemonia do sistema.

O esporte-espetáculo, perfeitamente encenado nos estádios, oferece um modelo notável por meio do qual o sistema social se acha em condições de resolver suas terríveis contradições de maneira organizada e eficaz – é o que ele chama de “o mito tecnocrático”, que está baseado no critério do rendimento mensurável. Em complemento, vale mencionar, essa função de coesão social exercida pelo esporte manifesta-se também no interior das empresas, ao dissimular os antagonismos e aumentar a produtividade do trabalho. “O sonho [da classe] patronal é, evidentemente, uma classe trabalhadora esportista, leal, fair play, que aceite as regras do jogo da exploração consentida pelo contrato de trabalho” (Próni, 2002, p.47)

As consequências que Próni apresenta deste modelo são de que gera um modelo de comportamento político e com ajuda dos meios de comunicação no desvio dos olhares das massas dos reais problemas sociais tornando o esporte no “ópio do povo”.

Já a função psicossocial do esporte propicia a liberação da agressividade forma “controlada”, algo próprio do humano, o que auxilia o sistema capitalista em um controle social, fazendo do esporte um espaço onde o trabalhador poderá colocar suas frustrações do dia a dia. Isso faz deste modelo uma forma na qual garante a hegemonia e a ideologia da classe dominante a transformando o esporte no que o autor cita como “fábrica de sentimentos massivos”, controlando suas frustrações, decepções e esvaziar seus sentimentos. Próni cita ainda numa perspectiva freudiana com relação ao espetáculo esportivo de ser uma forma de terapia social, onde as paixões e os instintos inibidos se liberem sem perigo nem remorso.

Não obstante, o outro lado da moeda impede que essa função libertária prevaleça na interpretação de Brohm. Os indivíduos, deprimidos pelo trabalho industrial, tem de achar uma atividade que equilibre suas vidas, um antídoto. Contudo, como o esporte retoma os

princípios da produção capitalista, não é capaz de propiciar realmente essa compensação (ou cura). Ao contrário, o espetáculo esportivo induz a “regressão emocional da massa de espectadores” (bloqueio afetivo indistinto e uniformização de sentimentos) e produz uma “regressão intelectual” (cretinização, superstição, falta de crítica). Além disso induz ou representa uma intensa sessão de “mimetismo social”, na medida em que os gestos dos esportistas são copiados, imitados e assimilados (Proni, 2002, p.49).

No esporte, atletas que obtêm um desempenho fenomenal são tratados como deuses, amplamente difundidos pela mídia, são heróis mitológicos, semideuses ou até mesmo tratados com deuses.

O atleta assume um posto de exemplo de ser humano, modelo ideal de rendimento e por ele que o sistema esportivo garante a venda da mercadoria do espetáculo esportivo e ainda temos os meios de comunicação que sempre irão consagrar e produzir novos atletas, garantindo o ciclo, renovação da mercadoria. Este atleta é um modelo de comportamento, exemplo de ascensão da hierarquia social, altamente popular, de fácil identificação, porque suas proezas são autênticas, portanto é a “personificação do sucesso”.

O problema é que essa identificação com o ídolo não implica uma liberação e sim “uma subordinação do indivíduo a uma tipologia conformista manipulada pelos meios de comunicação de massa”. O público esportivo vive por delegação outra existência durante um lapso de tempo, podendo ser gratificada por “satisfação libidinal mediante a identificação narcisista com os campeões”. Mas o indivíduo fica submetido a uma uniformização social e perde de vista sua própria individualidade (Proni, 2002, p.51)

Para Proni, o esporte consegue abranger toda a mídia de massa, transformando o esporte em um instrumento e método de comunicação que possibilita formar opinião pública em nível mundial devido à universalização do espetáculo e assim, consegue refletir as relações produção e sociais capitalistas como exemplo de eficiência, rendimento e produtividade.

O esporte tem um forte influência na sociedade, através dele podemos estabelecer parâmetros para o rendimento físico, potencializar as forças de

produtivas e reprodução do sistema de produção, fornecer um modelo de comportamento social, por seus valores e crenças possibilita a manutenção da ordem, mascara as relações de produção, por todas essas funções, o esporte moderno exerce um papel voltado para a manutenção da ordem estabelecida, sendo de utilização do Estado.

Os estudos de Brohm apresentados por Proni segue as indicações de Gramsci e por esses elementos apresentados qualifica a instituição esportiva como um aparelho privado de hegemonia civil, auxiliando na reprodução do sistema social.

Em adição, o esporte não só cumpre todas essas funções ideológicas como também fornece um modelo de comportamento social, ordena uma serie de representações sobre o corpo e estabelece parâmetros para o rendimento físico. Portanto, é possível dizer que a ideologia esportiva é “uma capa superestrutural importante do modo de produção capitalista monopolista de Estado” (Proni, 2002, p.51)

Proni destaca uma consideração de Brohm com relação ao esporte ter ficado isento das críticas da esquerda. Para Brohm, existe uma cegueira ideológica com relação ao esporte, ao qual não enxerga o caráter conservador e mistificador do esporte. O sistema esportivo carrega e transmite a ideologia burguesa, com base na competição e apologia da concorrência e da livre iniciativa.

As instituições esportivas junto com o Estado burguês garante a ordem social, encobrendo as relações de produção, potencializando as forças produtivas e a reprodução do sistema, controle das massas através dos valores e crenças com um modelo de comportamento social na sociedade capitalista. O Estado tem ainda a função coercitiva dentro dos espaços esportivos justificando o uso da violência para garantir a segurança social.

De acordo com Proni existem elementos esportivo que ainda não foram analisados e falta um estudo mais profundo, com em exemplo de modalidades esportivas não se baseiam, nos mesmos princípios de organização que apresentamos. Esportes como o Skate, o Surfe e algumas artes marciais como a capoeira e o judô não trazem enraizados os elementos apresentados, o judô é

mostra-se mais ainda um caso aparte, já que é uma modalidade olímpica e que manteve os seus princípios e rituais.

Certamente, o próprio Brohm reconhece que seu modelo de uma “sociologia política do esporte” não seria o mais adequado para uma pesquisa de caráter histórico. E que o seu propósito é, antes, explicitar a lógica de funcionamento do sistema esportivo, as funções que a instituição esportiva cumpre na reprodução da ordem social e política, assim como a reciprocidade entre a ideologia esportiva e os valores éticos e morais do capitalismo. Trata-se, na verdade de um esforço para refletir sobre as questões que ele considera fundamentais ao examinar o esporte na sociedade em que vivemos (Proni, 2002, p.51)

Apesar de toda a discussão abordada por Proni, percebe-se que em sua conclusão não foi apresentada a questão da criação de mercado para o consumo de materiais esportivos, como por exemplo, o próprio judô que manteve seus princípios.

Os artigos esportivos para sua prática são extremamente caros e o espaço necessita de adequação. A existência destes artigos são fundamentais para a prática segura desta modalidade. O tatame é um artigo esportivo e essencial, além dos quimonos e faixas serem também extremamente caros.

Uma modalidade que se mantém ainda fora desta mercadorização é a capoeira, onde a maioria dos materiais usados são confeccionados pelos praticantes, como por exemplo, o berimbau. Além disso, a sua prática não precisa de espaço necessariamente propício, porém, não podemos deixar de olhar que a capoeira é também uma manifestação cultural, o que a difere mais ainda das modalidades esportivas modernas.

2.2 Esporte, historia e cultura

A discussão que Bracht traz é a respeito de duas grandes vertentes na historia do esporte, pelas teses que ao qual chamou de continuidade e descontinuidade ambas referindo a duas visões do caráter do esporte sendo elas:

- a- Como natureza do esporte
- b- Como natureza histórico-social do esporte.

O esporte aparece em diferentes culturas e sofrendo alterações, adequando-se em momentos históricos. Segundo Bracht o esporte é fruto de visões distintas das determinações culturais conferindo um alto grau de autonomia e são características especificamente humanas e aistoricas. O reflete na forma de como o homem produz e reproduz a vida e como se organiza em sociedade.

É possível identificar na historia e na sociologia do esporte duas posturas antagônicas: a) A perspectiva de que o esportes moderno é um mero reflexo das estruturas mais amplas que caracterizam a sociedade moderna, ou, no viés marxista, como reflexo da sociedade industrial capitalista; b) Como mundo próprio, como que transcendendo todas as formas de organização social, como constante antropológica. Estas duas perspectivas também são perpassadas por uma discussão teórica que diz respeito à relação entre o particular e o geral, diz respeito à autonomia da fenômenos sociais particulares ante o poder determinante das estruturas sociais mais amplas. Tende-se a oscilar entre as visões simplistas do reflexo e da autonomia absoluta. É uma disputa sem fim. Por um lado as análises estruturais identificando características comuns no desenvolvimento do esporte, e como esse esportes absorve e repete os valores, os princípios estruturantes da sociedade moderna (capitalista e socialista), e por outro, contrapondo-se a essas análises, estudos mostrando ritmos culturais próprios, significações, ressignificações divergentes presentes no fenômeno esportivo. Às tentativas de homogeneização do conceito de esporte, contrapõem-se os exemplos de sal diversidade e polissemia. (BRACHT, 2002, p.192)

Neste ponto Bracht questiona o problema de transformar uma análise como se fosse absoluta ou em colocá-la na perspectiva da natureza do esporte e que muitos estudiosos do tema tende a universalizá-las. Para o autor a necessidade de identificar o processo de constituição e as mudanças sociais da modernidade são métodos forçados como parte fundante do desenvolvimento do esporte, embora se devam atentar as peculiaridades destes fenômenos. Dentre estes elementos um destaque que apresenta é a forma de organização do trabalho, da produção e no plano da cultura conseqüentemente.

Bracht, destaca características que o esportes vai assumir perante a sociedade moderna e alterá-la conforme os movimentos societários.

O esporte, como ele é “destilado” das praticas corporais da aristocracia/burguesia inglesa e das classes populares, é prototípico da modernidade. Uma comparação de performances física e/ou atléticas que se dá sob os códigos de regras fixas e validas igualmente para os competidores. Não vou discutir aqui aquelas características comuns à sociedade moderna e ao esporte moderno, e sim apenas lembrá-las: secularização, igualdade de oportunidades (meritocracia), especialização de papeis, organização burocrática, quantificação (e busca do recorde). (BRACHT, 2002, p.194)

O esporte algumas vezes antecipa elementos da sociedade como princípios, normas de condutas, valores que vem a se afirmar no conjunto das práticas sociais, esses elementos surgem provavelmente a partir da influência da meritocracia burguesa. Outra possibilidade apresentada sobre o esporte pode ter antecipado o sistema produtivo moderno incluindo disciplina, a eficiência e o controle de produtividade.

Fato é que esta pratica corporal (a esportiva) está fortemente orientada pelos princípios do rendimento e da competição, assim como estes são elementos importantes da ordem social capitalista. (BRACHT, 2002, p.194)

Valores, normas de comportamento e princípios da sociedade burguesa vêm sendo atualizada e afirmada pelo esporte. A manutenção e afirmação da sociedade capitalista ocorrem com auxílio da propagação do discurso médico, pedagógico e moralista do esporte.

A ética esportiva, até bem pouco tempo, envolvia valores relativos ao trabalho: submissão às regras, autodisciplina, autoconfiança, busca do rendimento, espírito de competição, etc. Dizia-se: o esporte desenvolve o gosto pela luta, o sentido de esforço, a solidariedade, a abnegação, a coragem, a lealdade, a suplantação de si próprio, caracteriza (valores) que auxiliam na sua legitimação social (BRACHT, 2002, p.195).

Uma contra cultura aos valores burgueses ocorreu no início do século pelo esporte através de um movimento cultural da classe trabalhadora ao desenvolver uma organização para a prática e o aperfeiçoamento da ginástica e do esporte.

Bracht levanta uma questão que é o movimento de cunho cultural, mais específico, da cultura corporal³, não ser retomado após a Segunda Guerra Mundial e deveria ser melhor investigada. O ocorrido sobre o esporte que se espalhou pelo mundo, levando o modelo de cultura corporal europeia para as outras culturas e as não europeias foram folclorizadas.

Como a mercadoria faz parte do modelo de sociedade capitalista, o esporte moderno assume o caráter de mercadoria, sendo um grande seguimento de circulação de capital com uma enorme importância na economia mundial.

³ A classe trabalhadora criou uma organização de clubes de ginástica e mais tarde de esportes, com o intuito de diferenciar das organizações esportivas da classe burguesa. Jornais e livros foram produzidos com críticas a modalidade de esporte burguês, pesquisas também foram feitas e apresentadas na Segunda Internacional Socialista e na Terceira Internacional Comunista. Este movimento não foi retomado após a Segunda Guerra Mundial. (BRACHT, Valter. Sociologia Crítica do Esporte uma introdução, 3.ed. 2005, p.24)

A mercadorização do esporte significa a extensão da lógica da mercadoria para o âmbito das práticas corporais (de lazer), tanto no sentido do consumo de prestação de serviços (serviços e equipamentos) quanto na produção e no consumo do espetáculo esportivo e de seus subprodutos. Normalmente se discute ou se entende-espetáculo, como aprofundamento do esporte profissional com o seu acoplamento ao sistema dos meios de comunicação de massa (BRACHT, 2002, p.196).

Outro ponto que Bracht menciona é da mercadorização do esporte como o lazer das práticas corporais, porém, relata um “retardo” ou uma espécie de descompasso do processo de mercadorização, levando em conta a potencialização de novas tecnologias de comunicação. Apesar do descompasso houve mudanças culturais que foram preponderantes para a mercadorização como o culto ao corpo, o valor da esportividade, exaltação do corpo saudável e produtivo.

Voltando à (hipó)tese do “descompasso” no aprofundamento da mercadorização do esporte, levanto como possibilidade de explicação os seguintes fatores: a) movimento olímpico agiu como elemento frenador na medida em que estava aferrado a um conceito de amador que lhe fornecia suporte ideológico e legitimidade social, além do discurso da educação e da saúde. Isso, numa fase “pós-moralista” (LIPOVETSKY, 1994), vai ser substituído pela importância econômica, que lhe vai fornecer a nova legitimidade social. O movimento olímpico foi o principal responsável pela aderência da categoria da nação ao esporte, o que permitiu, com sua vinculação com a Guerra Fria, que o amadorismo tivesse uma sobrevivência no esporte de alto rendimento ou espetáculo. b) A prática do associacionismo foi outro elemento cultural de resistência à mercadorização. O esporte como assunto privado, mas de associações civis livres, sem fins lucrativos, baseados no trabalho voluntário, que supriam interesses específicos (esportivos) de grupos, que cultivavam valores como o amadorismo, o fair play e também permitiam a atualização e a prática de valores masculinos ou o exercício simbólico da virilidade, colocava essa atividade como algo do plano do trabalho voluntário, sem fins lucrativos, próximo da filantropia (BRACHT, 2002, p.197).

Estes dois obstáculos apresentados por Bracht eram dificultadores e a superação ocorrerá com o fim da Guerra Fria e a crise do welfare state, porém, com a implementação do sistema neoliberal espaços antes públicos passa a ser privatizado, resultando na alteração de como o esporte era visto, mudança de compreensão do esporte como um programa de saúde e de direito do cidadão, agora passa a ser um direito do consumidor.

A resultante disso é da transformação da prática esportiva em mercadoria, transferindo esta tarefa que era do Estado para a iniciativa privada.

A mudança desta passagem de direito do cidadão para direito do consumidor foi aplicada com as escolinhas de esportes, podendo ser na escola, dentro ou fora dela ou até mesmo escolinhas privadas. O processo ocorre com a iniciação esportiva não sendo mais uma matéria curricular e sim uma atividade, um serviço para o consumidor, acessado pelo mercado. Bracht ainda menciona caso em que a escolinha passa a sustentar a escola, casos este que começa a ocorrer na universidade brasileira como menciona o autor.

A transformação do esporte ocorre pela mercadorização, assim, como na sociedade muitos dos acessos a bens e serviços pelo mercado, isso reflete diretamente no esporte.

Muitas mudanças que ocorrem no mundo do trabalho têm consequências mediatas e imediatas no esporte. De cunho mais geral podemos citar, o recrudescimento do já citado welfare state, com o desemprego crônico e com a passagem do esporte-cidadão para o esporte-consumidor, o agravamento da sociedade dual: num lado os incluídos e no outro os excluídos, estes últimos relegados a uma massa de consumidores do espetáculo esportivo (BRACHT, 2002, p.199)

Vendo este quadro, Bracht questiona e sem uma resposta de como será possível obter uma identidade de classe trabalhadora e conseqüentemente de um movimento de resistência cultural trabalhadora como ocorrera no século passado ou um novo movimento de contracultura?

A sociedade vem sofrendo transformações e teoria sobre estas mudanças estão em debate, conceitos sendo formulados sobre a sociedade pos-industrial a condição da pos-modernidade e a até mesmo a globalização. Debates que visualizam nestas mudanças como uma possibilidade de libertação dos princípios totalitários da modernidade ou que a negação dos princípios da modernidade pode resultar na abertura das portas para os irracionalismos. Bracht não afirma uma posição a respeito, mas com relação ao rumo recente do esporte, devemos num primeiro momento descreve-los ao invés de apenas julgar.

Para essa discussão Bracht, mesmo não concordando plenamente com Giles Lipovetsky, apresenta a ideia de pós-modernidade cultural para podermos discutir o esporte.

Segundo ele, perdura um valor principal, intangível: o indivíduo e o seu direito cada vez mais proclamado de se realizar à parte, de ser livre. Sendo o individualismo o valor central, dele derivam (e o complementam) o presentíssimo, o psicologismo ou a cultura psy e o neonarcisismo, a flexibilização dos vínculos, a cultura do efêmero, o aumento da velocidade, crepúsculo do dever (Lipovetsky), a incerteza ou o risco (U. Beck), o consumo como formador de identidade, rivalizando com a profissão ou o trabalho. Cada um destes aspectos pode ser percebido no esporte e nas práticas corporais em geral (BRACHT, 2002, p.202)

Um dos pontos que Bracht apresenta de Lipovetsky é do “adestramento social”, onde ocorre pelo “meio da sedução” e não mais através da coerção disciplinar. Isso resultou na mudança da representação social do corpo, perdendo

seu estatuto de alteridade, muda, “em proveito da sua identificação como o ser-sujeito.”

Outro ponto que ressalta de Lipovetsky, denominado de crepúsculo do dever, que é de estarmos entrando em uma sociedade do pós-dever, onde a obrigação moral está impondo normas austeras, repressivas, disciplinares, na vida privada.

Para o autor, até meados do século a referencia às virtudes será central nas representações do desporto; se deve ser louvado e encorajado é porque desenvolve as mais elevadas qualidades morais. O próprio espetáculo esportivo está ligado ao principio moral, deve sugerir uma dimensão ideal, não deve reduzir-se ao mero divertimento, deve servir para a “musculação moral do Homem”, segundo a eloquente formula de Coubertin. Na era moderna heroica, o desporto apresenta-se como uma pedagogia moral, uma aprendizagem das virtudes. O desporto libertou-se do lirismo das virtudes, acertou o passo com a logica pós-moralista, narcisista e espetacular (BRACHT, 2002, p.203)

Anteriormente, o esporte para se legitimar socialmente, utilizava das categorias de saúde e da educação, porém, em algumas situações extremas o esporte pode vir a utilizar estas categorias para garantir sua legitimação social.

O esporte vem se modificando junto com a sociedade assumindo novas características na cultura que tem como base o individualismo hedonista influenciando a pluralização dos sentidos.

Entendemos que, para a avaliação destes processos em andamento, permanece como pano de fundo, dividindo as posições, a tensão entre a homogeneização dos comportamentos e heteronomia versus a diferença e autonomia dos sujeitos no âmbito do esporte e da cultura na condição pós-moderna (Lipovetsky) ou da alta modernidade

(Giddens) ou neomodernidade (Rouanet) (BRACHT, 2002, p.203)

O processo de mercadorização segundo Bracht foi importante para a transformação do esporte, possibilitando novas características e introdução dos elementos de mercado de produção e consumo do esporte resultando em outra mudança na forma de percepção que são as novas praticas esportivas como os esportes radicais.

Considerações finais

Assim como a sociedade burguesa atingiu dimensões globais, o esporte também se expandiu com grande sucesso. A ideologia burguesa foi difundida graças aos seus aparelhos privados de hegemonia e, isso inclui o esporte como foi apresentado por Proni.

O esporte moderno tornou-se o modelo ideal da sociedade industrial, por conta da sua busca de uma maior eficiência na produção, levando a um rendimento máximo, além da especialização do trabalho, eficiência, controle de produtividade, disciplina e da robotização do movimento. Características essas encontradas tanto no esporte, quanto no sistema de produção capitalista, fazendo do esporte moderno uma representação da estrutura da sociedade capitalista.

Mas nem sempre foi assim, o esporte já teve outros valores, como foi apresentado por Bracht. O esporte já apresentou uma contra cultura de valores burgueses, movimento cultural este que veio da classe trabalhadora. Para minha surpresa foi descobrir pelos textos de Bracht que este movimento produziu pesquisas, livros e jornais com intuito de diferenciar das organizações esportivas burguesas, e que infelizmente, não foi retomado após a Segunda Guerra Mundial.

Hoje o esporte é uma grande mercadoria, uma ferramenta importante para a acumulação capitalista de enorme importância na economia mundial. O esporte segue as diretrizes da sociedade burguesa passando a obedecer às regras e leis deste sistema capitalista com seus grandes espetáculos consegue gerar lucro e assim fazendo parte integrante da circulação de capital.

Todos os níveis do esporte se transformam em mercadorias, como exemplo, espaços antes públicos, passam a ser privados, cada vez mais há dificuldades em encontrar no esporte espaços que ainda não passou pela transformação de mercadoria. Uma completa mudança de compreensão de direito do cidadão a um programa de saúde pelo esporte para um direito de consumidor.

O esporte tornou-se um espaço para a propagação ideológica do sistema capitalista e a sua manutenção, seguindo as indicações de Gramsci podemos identificar o esporte como um aparelho privado de hegemonia.

Com relação às teses apresentadas dos autores sobre o esporte vemos uma forte conexão do sistema esportivo com o sistema capitalista. Com isso, faço o mesmo questionamento que Bracht fez de como será possível obter uma identidade de classe trabalhadora e conseqüentemente de um movimento de resistência cultural trabalhadora ou um novo movimento de contracultura? Para além deste questionamento eu tenho outros, como o machismo no esporte, a homofobia, o racismo, os projetos sociais esportivos, a transformação do esporte em mercadoria e como isso afeta a sociedade, o acesso e a segregação de modalidades como o Polo, Hipismo, Golfe, Tênis, Esgrima, Canoagem e outras que são consideradas de grande custo para sua prática. Questionamentos estes que precisam de amadurecimento teórico no Serviço Social para serem respondidos.

Todo o debate, críticas e produção acadêmica que o Serviço Social aborda pode vir a contribuir e muito para o esporte, por tanto uma aproximação inicial como esta é necessária para que futuramente, quem sabe, poderá até mesmo ser uma área de atuação profissional do serviço social nas áreas esportivas.

Bibliografia

42 - A História de uma Lenda. Direção: Brian Helgeland, Produção: Thomas Tull. Legendary Pictures: Estados Unidos, 2013.

Arremesso de Ouro. Direção: Craig Gillespie, Produção: Joe Roth. Walt Disney Pictures, Mayhem Pictures, Miller Roth Films: Estados Unidos, 2014.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: UNIJUI 2009

Duelo de Titãs. Direção: Boaz Yakin, Produção: Jerry Bruckheimer: Walt Disney Pictures, Jerry Bruckheimer Films, Technical Black. Estados Unidos, 2001.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. 5. ed. São Paulo: Loyola 2011.

Invictus. Direção: Clint Eastwood, Produção: Lori McCreary, Mace Neufeld, Clint Eastwood, Robert Lorenz. Malpaso Productions, Warner Bros. Pictures, Spyglass Entertainment, Revelations Entertainment, Mace Neufeld Productions: Estados Unidos, 2009.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I**. 15.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 1996

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

NETTO, José Paulo. BRAZ Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2011.

O Invencível. Direção: Ericson Core, Produção: Mark Ciardi, Gordon Gray, Ken Mok, Ivan Reitman, Joe Medjuck: Walt Disney Pictures, Mayhem Pictures, Who's Nuts Productions: Estados Unidos, 2006.

O Homem que Mudou o Jogo. Direção: Bennett Miller, Produção: Michael De Luca, Brad Pitt. Michael De Luca Productions, Scott Rudin Productions, Specialty Films, Film Rites: Estados Unidos, 2012.

Para Sempre Vencedor. Direção: Ryan Little, Produção: Ryan Little, Adam Abel. Crane Movie Co: Estados Unidos, 2008.

PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados 2002.

TONET, Ivo. **Cidadania ou emancipação humana**. Disponível em: www.ivotonet.xp3.biz. Acesso: 1 julho. 2016.

Uma Equipe Muito Especial. Direção: Penny Marshall, Produção: Elliot Abbott; Robert Greenhut. Columbia Pictures Corporation; Parkway Productions: Estados Unidos, 1992.

Um Sonho Possível. Direção:John Lee Hancock, Produção:Gil Netter, Broderick Johnson, Andrew A. Kosove. Alcon Entertainment: Estados Unidos, 2010.